



---

# INSTITUTO CONHECIMENTO LIBERTA

---

# FEMINISMO PARA HOMENS

PILAR CULTURAL

05 aulas



## Milly Lacombe

### CONHEÇA SUA PROFESSORA

Escritora, jornalista e cronista. Trabalhou como colaboradora da Folha de São Paulo, em Los Angeles, como comentarista esportivo nos canais Sportv e Record, foi diretora de redação da revista Tpm, é colunista da Folha e do UOL e autora do romance “O Ano que Morri em Nova York”.

# FEMINISMO PARA HOMENS

PILAR CULTURAL

05 aulas



Paola Lins

## CONHEÇA SUA PROFESSORA

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ e doutorado em Antropologia Cultural pelo mesmo programa de pós-graduação. Realizou pesquisa de pós-doutorado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. É autora do livro "Arte e religião em controvérsia - relações entre censura, arte erótica e objetos religiosos" (2016). Atualmente é editora de resenhas da Revista Religião e Sociedade, roteirista e pesquisadora de conteúdo para produtos culturais.

# Apresentação

O curso tratará de como a teoria e as tecnologias do feminismo podem servir para a emancipação dos homens e explorará as razões pelas quais o machismo e a misoginia aprisionam e limitam os homens no exercício de suas subjetividades e potências. Vamos começar com um debate sobre a distinção entre sexo e gênero, e como a ideia do que é ser mulher e ser homem, incluindo o binarismo, é uma construção sócio-histórica que aprendemos a naturalizar como biológica. Passaremos à discussão sobre como a construção do desejo e da sexualidade feminina, principalmente heterossexual, é atravessada por violência, assédio, abuso e estupro.

Vamos conduzir uma reflexão sobre as contribuições do feminismo para refundar as bases do desejo e da sexualidade, propondo uma visão do sexo como parte fundamental da subjetividade humana, não apenas das mulheres mas também dos homens. A emancipação sexual pensada como algo a ser compartilhado entre todos os gêneros e todos os corpos, inclusive os masculinos. Do desejo vamos para o trabalho, remunerado e não remunerado. Trabalho doméstico, carga mental, como o homem pode se implicar nessas causas e o que tira de positivo disso. Por fim, a família: o papel do homem, as relações no interior dessa instituição, examinar até que ponto o machismo veda aos homens o direito de exercitar uma paternidade plena, uma vez que os homens são constrangidos a ocupar, senão exclusivamente, majoritariamente o papel de provedores.

Ao final, se formos bem sucedidas, homens, mulheres e pessoas não binárias terão compreendido um pouco mais nossos papéis na luta por emancipação e por justiça de gênero - e como cada um de nós pode crescer e melhorar nesse processo.

# Conteúdo Programático



## **Aula 01 – O que é ser homem e ser mulher nesse mundo**

Introduzir o debate sobre a distinção entre sexo e gênero, e como a ideia do que é ser mulher e ser homem, incluindo o binarismo, é uma construção sócio-histórica que aprendemos a naturalizar como biológica. Papéis sociais (de cuidado ou de trabalho braçal, por exemplo) não estão inscritos nos genes e nas características corporais, mas são aprendidos nas famílias, escolas e ambientes coletivos. Identificar o modo pelo qual, dentro do sistema patriarcal, as diferenças sexuais foram convertidas em desigualdades, e assim a natureza se tornou justificativa para o tratamento injusto destinado às mulheres. Mulheres foram aprisionadas em papéis supostamente naturais, e assim o cuidado e a maternidade se tornaram o “destino biológico” das mulheres, desconsiderando o fato de que qualquer ser autônomo tem o direito de escolher o próprio destino. Discutir o papel da ciência na construção do binarismo sexual e na naturalização das diferenças entre homens e mulheres, principalmente através da genitalização das diferenças sexuais. Incluir a equação de raça e classe para pensar as especificidades desse binarismo. Abordar a interssexualidade e a transsexualidade como existências que desestabilizam o binarismo sexual, revelando o que existe para além dele. Pontuar como a genitalização do gênero também limita a experiência da masculinidade, que fica muito vinculada ao pênis e seus ideais limitantes de força bruta, potência e virilidade..



## **Aula 02 – Emancipar o desejo e o sexo das amarras da violência**

Discutir como a experiência do desejo e da sexualidade feminina, principalmente heterossexual, é atravessada por violência, assédio, abuso e estupro. Ainda mais violenta conforme o vetor racial seja considerado, assim como a vulnerabilidade da precariedade econômica. Apresentar o debate sobre o corpo da mulher como propriedade masculina (do pai, dos irmãos, do marido, do Estado patriarcal), no qual a expressão do seu desejo e da sua sexualidade só são permitidos para satisfazer o homem (ou um ideal de masculinidade patriarcal), dentro dos limites do “círculo mágico” da sexualidade considerada socialmente como “boa, natural, normal, sagrada”, como propôs a antropóloga Gayle Rubin. Discutir o que é

consentimento e sobre como ele não pode se tornar uma ferramenta para coagir as mulheres (a entregarem um sim, onde havia um não, ou uma dúvida). Analisar as articulações entre sexo, sexualidade e poder, desvelando a falácia da “liberdade sexual” absoluta, ao mostrar as determinações políticas do desejo, que por vezes se expressam nas desigualdades de raça, classe, idade, entre outras. Pensar a pornografia como campo de tensões entre sexo, vício, mercado, autoconhecimento e busca pelo prazer. As feministas lançamos a seguinte pergunta: sexo como é feito hoje é satisfatório para quem? Refletir sobre as contribuições do feminismo para refundar as bases do desejo e da sexualidade, propondo uma visão do sexo como parte fundamental da subjetividade humana, não apenas das mulheres mas também dos homens. A emancipação sexual pensada como algo a ser compartilhado entre todos os gêneros e todos os corpos, inclusive os masculinos.



### **Aula 03 – Emancipar o desejo e o sexo das amarras da violência (parte II)**

Discutir como a experiência do desejo e da sexualidade feminina, principalmente heterossexual, é atravessada por violência, assédio, abuso e estupro. Ainda mais violenta conforme o vetor racial seja considerado, assim como a vulnerabilidade da precariedade econômica. Apresentar o debate sobre o corpo da mulher como propriedade masculina (do pai, dos irmãos, do marido, do Estado patriarcal), no qual a expressão do seu desejo e da sua sexualidade só são permitidos para satisfazer o homem (ou um ideal de masculinidade patriarcal), dentro dos limites do “círculo mágico” da sexualidade considerada socialmente como “boa, natural, normal, sagrada”, como propôs a antropóloga Gayle Rubin. Discutir o que é consentimento e sobre como ele não pode se tornar uma ferramenta para coagir as mulheres (a entregarem um sim, onde havia um não, ou uma dúvida). Analisar as articulações entre sexo, sexualidade e poder, desvelando a falácia da “liberdade sexual” absoluta, ao mostrar as determinações políticas do desejo, que por vezes se expressam nas desigualdades de raça, classe, idade, entre outras. Pensar a pornografia como campo de tensões entre sexo, vício, mercado, autoconhecimento e busca pelo prazer. As feministas lançamos a seguinte pergunta: sexo como é feito hoje é satisfatório para quem? Refletir sobre as contribuições do feminismo para refundar as bases do desejo e da sexualidade, propondo uma visão do sexo como parte fundamental da subjetividade humana, não apenas das mulheres mas também dos homens. A emancipação sexual pensada como algo a ser compartilhado entre todos os gêneros e todos os corpos, inclusive os masculinos.



## **Aula 04 – As relações entre homens e mulheres no trabalho (Parte II)**

Apresentar o panorama das desigualdades entre mulheres e homens no mercado de trabalho: salários proporcionalmente inferiores para desempenhar funções equivalentes, falta de rede de apoio estatal para profissionais mães, assédio moral e sexual etc. Considerando os modos pelos quais as desigualdades se ampliam conforme especificidades de raça e classe. Debater os tipos de violência simbólica a que muitas mulheres estão submetidas no ambiente de trabalho, e também em casa, tais como as que são conhecidas pelos termos em inglês *maninterrupting*, *mansplaining*, *bropropriating*, *gaslighting*, entre outras. Em casa, o trabalho doméstico é atrelado ao que se discute hoje como carga mental. Examinar o trabalho doméstico feminino como condição de possibilidade da reprodução da sociedade, e consequentemente do capitalismo, como nos ensinam pensadoras como Silvia Federici. É da autora a frase síntese “o trabalho doméstico não é amor, é trabalho não remunerado”, que revela uma dimensão frequentemente invisibilizada dessa atividade: o cuidado do lar “prepara” o trabalhador para o mercado e “cria” a nova geração de trabalhadores para o mesmo mercado. Debater como o corpo está para a mulher assim como o chão de fábrica está para o homem: é território de exploração e resistência. O cidadão explorado no trabalho pode chegar em casa e explorar a mulher, que por sua vez pode oprimir os filhos, num ciclo de reprodução de violência que precisa ser interrompido.



## **Aula 05 – As relações entre homens e mulheres na família**

Levantar o debate sobre as desigualdades no ambiente doméstico que dizem respeito à reprodução da família. Refletir sobre quem tem direito a família no Brasil, considerando que a maior parte dos lares de mães soltas no país são compostos por mulheres negras e não-brancas. Discutir quais são os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e meninas no Brasil, e como além de não serem respeitados nem pelo Estado nem pela família, precisam ser ampliados. Refletir sobre os motivos que levam às mulheres a serem consideradas as únicas responsáveis pela prevenção da gravidez, de que forma os homens passam adiante tal responsabilidade ao se recusarem a usar camisinha ou realizar uma vasectomia. Discutir como as mulheres são tratadas como cidadãs de segunda categoria ao não terem seu direito ao corpo e autonomia individual plenamente respeitados. Questionar até que ponto o homem deve opinar sobre o aborto. Examinar até que ponto o machismo veda aos homens o direito de exercitar uma paternidade plena, uma vez que os homens são constrangidos a ocupar, senão exclusivamente, majoritariamente o papel de provedores. O sonho da

paternidade somente pode ser vivido fora das amarras da masculinidade tradicional. Compreender o que significa afirmar que “as feministas querem acabar com a família”. Ampliar a noção de família para que ela possa se tornar não um roteiro com papéis rígidos e violentos predeterminados, mas um espaço de amor, autoconhecimento e acolhimento.

# Referências

ANGEL, Katherine. Amanhã o sexo será bom novamente. Mulheres e desejo na era do consentimento. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2023.

BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023, 24a ed.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

ILLOUZ, Eva. O amor nos tempos do capitalismo. Zahar: Rio de Janeiro, 2011.

LORDE, Audre. Irmã Outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PRECIADO, Paul B. Manifesto Contrassexual. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Teste Junkie. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul. B. Um Apartamento em Urano. Crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2020.

PRECIADO, Paul. Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RUBIN, Gayle. Políticas do sexo. São Paulo: Ubu, 2017

SRINIVASAN, Amia. O direito ao sexo. Feminismo no século vinte e um. São Paulo: Todavia, 2021.

STROMQUIST, Liv. A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

STROMQUIST, Liv. A rosa mais vermelha desabrocha: o amor nos tempos do capitalismo tardio ou por que as pessoas se apaixonam tão raramente hoje em dia. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2021.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: Ubiu Editora, 2020.